

ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL III

Dimensão Espiritual nos Seminários

– Caderno de Estudos¹ –

O Amor a Palavra de Deus

✠ **Jorge Carlos Patrón Wong**

Arcebispo-bispo Emérito de Papantla

Secretário para os Seminários

Temas: As bases da espiritualidade sacerdotal: a devoção mariana, os sacramentos, **Palavra de Deus** e comunhão eclesial sacerdotal.

1. A Palavra de Deus como palavra para o diálogo com Ele.

Um dos tantos tesouros que um seminarista recebe ao ingressar no Seminário é o assíduo contato com a Palavra de Deus por meio da Liturgia das Horas.

Normalmente o jovem quando vai para o Seminário, já traz um mínimo contato com a Bíblia em decorrência das atividades pastorais que realizava e do contato regular que acontece na Santa Missa, entretanto, não são todos que despertam para o gosto de buscar uma maior formação religiosa em base a Sagrada Escritura antes de entrar para o Seminário. A grande maioria dos jovens se contenta com a periódica escuta dominical da Bíblia nas missas, sem preocupação em criar uma maior assiduidade na leitura bíblica.

Como sabemos, alguns grupos pastorais ou de espiritualidade costumam incentivar a leitura e a meditação da Palavra de Deus, outros ainda, procuram instruir sobre o modo como esta meditação deve ser feita e a forma como colocar a Palavra de Deus em prática no cotidiano.

Por mais que sejam diversificadas estas experiências, a vida no Seminário traz consigo uma ocasião privilegiada para que os jovens seminaristas comecem a desenvolver o contato e o hábito da oração com a Palavra de Deus e inspirada por ela, com a finalidade de formar uma íntima vitalidade bíblica no seu ato de orar.

¹ Por ocasião da “SEMANA NACIONAL DE ATUALIZAÇÃO PARA FORMADORES”, Aparecida do Norte/Brasil, de 10 a 14 de julho 2017.

O primeiro passo nesta longa estrada começa com a promoção do entusiasmo bíblico. Quando os formadores do propedêutico são homens modelados pela Palavra de Deus, as breves homilias durante as missas, bem como a formação bíblica que deve ser feita paralelamente a instrução ao Catecismo da Igreja irá pouco a pouco provocando o interesse e o apetite dos jovens ao conhecimento bíblico e a oração bíblica, cujo ápice de sua forma está na Liturgia das Horas com os salmos: “*Quem os ler, encontrará o especial remédio para as chagas de suas paixões*” (Santo Ambrósio).

Uma motivação muito habitual que impulsiona muitas pessoas a buscar a leitura bíblica é a esperança de encontrar nela algo que satisfaça uma sua necessidade urgente: uma palavra de conforto, de consolação ou de esperança para superar um momento de angústia e de incerteza. Deus Pai de Misericórdia, não tardaria em socorrer um filho que clame por Ele, ainda que inicialmente a intenção daquele filho seja mais orientada a superação de um problema pessoal do que a expressão de um amor apaixonado e gratuito por Ele. Observar que alguns jovens seminaristas também sejam assim ao início do percurso formativo não é motivo de grande perplexidade, mas notar que alguns permanecem assim, e só assim, por todo o tempo da formação até as portas da ordenação não é algo, nem mesmo aceitável.

O caminho daquele que se prepara ao sacerdócio deve ser marcado por uma progressiva configuração interior a Cristo que se dá à luz da Palavra de Deus e também por meio dela.

Deus fez das palavras humanas suas próprias palavras para que pudéssemos falar com Ele, por meio de nossas palavras e de nossa linguagem, mas com palavras que ao mesmo tempo se tornaram divinas. Ver Deus inspirar as palavras humanas até que estas sejam também palavra divina para que esteja em nossa boca sendo o louvor agradável a Ele, não seria completo, se o nosso coração não estivesse ele próprio cheio de um certo tipo de inspiração ou moção divina que vem da graça: “O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração..., porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio” (Lc 6, 45).

Por isso, aqueles que foram chamados a preparação ao sacerdócio precisam progressivamente aprender a escolher, consentir e colaborar com o ato de inspiração de Deus: deixar-se nutrir e guiar por Deus escolhendo ouvi-lo no seu falar antes de qualquer decisão pessoal ou privada, porque como consagrados a Ele somos chamados a viver de toda a Palavra que procede da boca de Deus (cf. Dt 8, 3).

Bendita a regra disciplinar que obriga o seminarista recém-chegado ao Seminário a rezar a Liturgia das Horas regularmente, mesmo sem saber ainda como se reza, porque a Palavra posta em sua boca por disciplina poderá ser degustada e irá revigorar o seu coração e remodelar a sua vida. Pela obrigação e pela regra a Palavra começa em nossos lábios, para depois habitar definitivamente em nosso coração. Mas este é só um meio dinâmico para chegar e verdadeira dinâmica de santificação proposta por Deus. Como diz a oração da bênção ao diácono no próprio Missal Romano antes da leitura do Evangelho: “*O senhor esteja em teu coração e em teus lábios para que tu possas anunciar dignamente o seu Santo Evangelho*”, ou seja, primeiro deve estar no coração para depois estar aos lábios!

O homem consagrado a Deus pelas Sagradas Ordens é aquele que traz consigo, no coração, a Palavra. A partir deste momento não é a regra que o sustenta, esta agora apenas o ampara, porque ele já conseguiu fazer desta Palavra o tesouro do seu coração. A regra cumpriu seu papel: ajudou-o a colocar a Palavra de Deus no lugar em que ela deve ocupar em sua vida, ou seja, dentro de seu coração, no centro de suas decisões, do seu sentir, do seu pensar e do seu agir.

Mover a inteira vida a partir da Palavra de Deus é uma outra forma de dizer que se está configurado a Cristo, Verbo do Pai, Encarnado. Quem consegue somar o seu testemunho ao da Virgem Santíssima dizendo com plena consciência, liberdade e decisão: “Eis aqui o servo do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra” (cf. Lc 1, 38) poderá realmente realizar a sua missão segundo a Vontade do Pai.

Por isso, é extremamente recomendável que a par da formação catequética inicial proposta para o período propedêutico, sejam feitas formações sistemáticas sobre a Sagrada Escritura, sobretudo na apresentação da Bíblia em suas partes, a tipologia dos livros e uma breve introdução aos temas principais do Novo e do Antigo Testamento de modo que aconteça a leitura e o contato físico com o texto bíblico ao longo do ano.

Vale recordar que não deve ser um empenho que cesse com o ingresso na etapa discipular. É inquietante constatar que, após sete anos de formação, alguns candidatos as Ordens Sagradas ainda não leram boa parte da Bíblia ou desconhecem quase completamente alguns livros Sagrados. Uma alternativa muito oportuna pode ser a elaboração de um itinerário mensal de leitura ou instrução bíblica composta com breves comentários aos livros e direcionamentos que fossem propostos para um ciclo compreensivo de quatro anos, onde se contemplasse um percurso completo da Sagrada Escritura.

Um trabalho integrado entre formadores e diretores espirituais pode ajudar a configurar uma proposta alinhada com o panorama litúrgico anual e com as atividades mensais ou semanais de espiritualidade no Seminário, como por exemplo, a Hora Santa mensal e os retiros espirituais.

2. Como fonte e inspiração da própria vida

Os Padres da Igreja e os autores do período patrística, como por exemplo, São Basílio, Santo Atanásio, João Cassiano, Orígenes, dentre outros, instruíam os monges de sua época e os cristãos em geral a modelarem a própria vida a partir da Palavra de Deus, por meio do assíduo exercício da leitura e/ou escuta e da oração.

Para eles não havia a mínima dúvida de que a abertura pessoal e participativa à ação santificante de Deus na vida dos homens passava pela escuta e leitura atenta da Palavra, onde progressivamente o leitor iria aprender a esvaziar-se de si mesmo para permanecer apenas com o próprio Senhor, sua única herança (cf. Sl 16, 5).

A Sagrada Escritura abundantemente apresenta o exemplo de homens que se colocam diante de Deus para ouvir, falar, refletir, decidir etc. Por isso, a Sagrada

Escritura também oferece uma riqueza instrutiva e formativa incomparável para aqueles que, com reta intenção, quiserem adentrar a uma maior intimidade com Deus, onde o Senhor nos fale face a face (cf. Jó 38, 2) e onde aprendemos a amá-lo como filhos (cf. Lc 11, 1 ss).

Com insistência, tenacidade, obediência e fé, todo aquele que quisesse seguir o caminho de consagração ao Senhor deveria passar por este “cadinho” de purificação que é a Palavra de Deus, onde o ouro, que é a sua própria vida, torna-se completamente modelável para poder adquirir, pelas Mãos de Deus, a forma desejada por Ele, quando o nosso querer, pensar e agir serão então aquele do próprio Deus.

A Virgem Santíssima, como ensina Santo Afonso Maria de Ligório, é o exemplo da criatura que se deixou modelar inteiramente por Deus, sem apresentar-lhe nenhuma resistência a Sua vontade. Seu pensar, querer e agir estavam completamente abertos a inspiração do Divino Espírito Santo. Não houve um único instante em sua vida onde a vontade de Deus não fosse a sua vontade, onde o agir de Deus não fosse a aclamação do seu *fiat in me*.

Maria Santíssima é a grande referência para todos os sacerdotes, que são chamados a serem homens da Palavra, missionários de Cristo Ressuscitado e dotados de um discernimento que ajude o próximo a se aproximar de Deus. A este ponto, quero destacar que um cristão não pode acreditar ter feito um discernimento perfeito sem que este tenha sido maturado e alicerçado na Palavra de Deus. A Palavra, ouvida e entendida sempre através da Igreja e da sua doutrina, ilumina a consciência do homem, ratifica seus valores, dispõe para um reforço das virtudes teológicas, etc.

O homem de discernimento que o sacerdote está chamado a ser se caracteriza pela sua grande docilidade a inspiração divina e não apenas por suas habilidades e virtudes humanas bem organizadas, nem se limita a uma habilidosa capacidade de leitura e integração de conjunturas interpessoais com o intuito de alcançar a realização do bem comum, ou com o intuito de satisfazer sua realização como pessoa no agora.

Muitos dos místicos dos últimos séculos apontaram constantemente para a meditação da Palavra de Deus como caminho para se defender com ardor e vigor a graça recebida no batismo e restaurada pela confissão sacramental. Santa Faustina, por exemplo, uma mística da Paixão do Senhor de nossos tempos, recorda com muita eloquência em seus escritos que devemos retornar constantemente a meditação da Paixão do Senhor para conseguirmos dividir as dores do Coração do Senhor Crucificado, sendo para Ele como verdadeiros amigos que O confortam nas dores sofridas para a salvação das almas.

Realmente, que grande desafio não é aquele de amar as pessoas que em sua liberdade decidiram realizar o mal contra nós fazendo cair sobre a nossa vida certas consequências malvadas de suas decisões perversas? E, no entanto, é preciso amá-las, mesmo diante da injustiça. Se eu não sou capaz de ver naquele irmão que me maltrata o meu Senhor, apesar de ele O ofender e humilhar com seus atos e uma escolha contrária ao Evangelho, e se eu não for capaz de mover em meu coração a mínima compaixão por Cristo que sofre por causa das chagas desse desamor praticado por esse mesmo irmão que me ataca mas em quem ainda revejo o vulto de Deus, de onde

virá a força e a inspiração interior necessárias para eu próprio não colocar em ato a força dos meus instintos que sugerem pagar com a mesma moeda o mal recebido, ou em fazê-lo provar o peso de minha ira pela injustiça que realiza contra mim e contra Deus?

Tudo dependerá das circunstâncias, já se sabe, entretanto, fazer o culpado responder por seus erros também será necessário para evitar certos males como consequência e assim salvaguardar a prudência. Mas convém também não perder de vista a importância da virtude da mansidão, e a vontade de ajudar também esse irmão ao arrependimento e à conversão por meio da exortação fraterna. Todavia, há também a probabilidade de deixar falar mais alto o amor próprio, e de em tantos casos, ainda que com boas intenções declaradas, como por exemplo a defesa dos direitos individuais, vir eu a estar a poucos milímetros de acabar por escolher ser iracundo, vingativo ou violento, com palavras ou em atos, podendo até mesmo odiar ou criar inimizade contra aquele meu irmão e contra quem interfira. Deste modo ferirei ainda mais a Cristo Crucificado e não oferecerei o mínimo de consolação ao Coração do Bom Jesus.

Para alguns, este tipo de discurso sobre espiritualidade pode ser classificado como retrogrado ou descontextualizado da vida do homem contemporâneo, que goza de um grande progresso intelectual e social e vive um ritmo de vida ligado a conquistas sobre a qualidade de vida e o modo de “bem viver com saúde e harmonia cósmica” enquanto tal proposta de espiritualidade estaria ligada a uma meditação cruenta da Paixão do Senhor típica do período pós-tridentino, mas pouco capaz de sintonia nos dias de hoje.

Para este tipo de considerações, normalmente, me limito a recordar dois fatos históricos de nossos tempos:

O primeiro é a aparição de Nossa Senhora de Fátima, cujo centenário celebramos este ano, que não teve nenhum escrúpulo em recomendar a penitência física a três crianças e de orientá-las a como fazer tal prática de penitência em comunhão com os sofrimentos de seu Filho, e como oferta de amor pela conversão dos pecadores e pelas almas no purgatório. Isso tudo foi dito, explicado e orientado para três crianças que, imediatamente e sem resistências, acolheram aquilo que disse a Virgem Santíssima com todo amor possível aos seus corações. Não foi dito isso para três teólogos que estudaram afundo os tratados da teologia sistemática e moral e que, supostamente, por causa dos seus estudos, teriam maiores possibilidades de entenderem com profundidade intelectual a dramaticidade do apelo sobrenatural da Virgem Santíssima.

O segundo fato foi o cinematográfico martírio de nossos irmãos coptas, realizado pelas mãos dos mulçumanos aderentes ao Estado Islâmico, que tendo a chance de lutar fisicamente contra seus agressores e algozes para impedir a horrenda regização das próprias execuções, optaram por não profanarem o nome de Jesus que traziam sobre si desde o batismo. Como cristãos que eram, filhos deste “povo da cruz” como foram apresentados, optaram por não escolher como atitude pessoal operar o ódio contra os seus agressores para se defenderem do mal, nem a ira violenta e vociferante em ofensas contra a injustiça que sofriam por não quererem profanar o

nome de Cristo que traziam sobre si, para não desonrarem o Sangue que foi versado sobre a Cruz e que eles adoravam. E deste modo, no último dia de suas vidas, escolheram a firmeza da aceitação do martírio junto com a mansidão, louvando o Senhor que os amou até ali, e as últimas palavras que saíram de seus lábios neste mundo foram o canto dos hinos e salmos de louvor a Deus, porque os seus corações já estavam cheios da luz do Divino Espírito:

“Eu vos digo: todo aquele que se declarar por mim diante do povo, o Filho do Homem também se declarará a favor dele diante dos anjos de Deus” (Lc 12, 8).

**Bibliografia temática sugerida para
ampliar a leitura espiritual e formativa:**

- **São João Crisóstomo**, *Homilias*.
- **São João Crisóstomo**, *O Sacerdócio*.
- **Santo Ambrósio**, *Comentário sobre os salmos*.
- **Evágrio Pôntico**, *Sentenças sobre os oito espíritos da maldade*.
- **João Cassiano**, *As instruções cenobíticas*.
- **São Bento de Núrsia**, *A Regra de São Bento*.
- **São Gregório Magno**, *Moralia in Job – “Comentários Morais ao livro de Jó”*.
- **São Tomás de Aquino**, *Catena Aurea*.
- **São Tomás**, *Comentários a Sagrada Escritura*.